

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
JEAN-MARIE STRAUB - NUNCA RECONCILIADO
3 de janeiro de 2023

NICHT VERSÖHNT ODER ES HILFT NUR GEWALT, WO GEWALT HERRSCHT / 1965

(*"Não Reconciliados ou Só a Violência Ajuda Onde a Violência Reina"*)

um filme de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet

Realização: Jean-Marie Straub e Danièle Huillet / **Argumento:** Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, com base na novela de Henrich Böll "Billard um Halbzehn" ("Bilhar às nove e meia") / **Fotografia:** Wendelin Sachtler / **Operadores de Câmara:** Gerhard Ries, Christian Schwarzwald e Jean-Marie Straub / **Som:** Lutz Grübner, Willi Hanspach / **Música:** Bela Bartok (Sonata para Dois Pianos e Percussão); Johann Sebastian Bach (Ouverture da Suite nº 2 em si menor, BWV 1067) / **Montagem:** Jean-Marie Straub e Danièle Huillet / **Interpretação:** Heinrich Hargesheimer (Heinrich Fämel, aos 80 anos), Carlheinz Hargesheimer (Heinrich Fämel, aos 30-35 anos), Martha Ständner (Johanna Fämel, aos 70 anos), Danièle Huillet (Johanna Fämel, em jovem), Henning Hermssen (Robert Fämel, aos 40 anos), Ulrich Hopmann (Robert Fämel, aos 18 anos), Hiltraud Wegener (Marianne), Ulrich von Thüna (Schrella, com cerca de 35 anos), Ernst Kutzinski (Schrella, aos 15 anos), Heiner Braun (Nettlinger, aos 35-40 anos), Georg Zander (Hugo/Fernidand (Ferd) Trischler), Lutz Grubner (primeiro abade), Martin Trieb (segundo abade), Karl Bodenschatz (porteiro do hotel), Webdelin Sachtler (Mull), Anita Bell (a velha que joga às cartas), Margret Borstel (a loura que tricota meias), Eduard von Wickenburg (M), Huguette Sellen (a secretária de Robert).

Produção: Jean-Marie Straub e Danièle Huillet / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, versão original com legendas em português, 52 minutos / **Estreia Mundial:** 4 de Julho de 1965 no Festival de Berlim (fora de concurso) / **Primeira apresentação em Portugal:** Lisboa (Goethe Institut/Instituto Alemão), Março de 1975, na "Retrospectiva Jean-Marie Straub" / **Inédito comercialmente em Portugal.**

Nicht Versöhnt... é apresentado com **La France Contre les Robots** ("folha" distribuída em separado).

De entre os realizadores saídos do novo cinema alemão que mais se colocaram à margem do sistema de produção-distribuição corrente, Straub terá sido aquele cuja obra e cujas ideias melhor chegaram, à época, ao contacto de algum meio cinematográfico português. E não tanto pelo facto de ter estado entre nós, ou de muitos dos seus filmes iniciais aqui terem sido vistos (nomeadamente no Instituto Alemão, na Gulbenkian, ou no caso da **A Pequena Crónica da Anna Magdalena Bach**, na televisão e no circuito comercial), mas antes de mais, por via dos seus laços com os *Cahiers du Cinéma*, com muitos elementos da *Nouvelle Vague* (a quem dedicou a **Crónica**), laços que se estabeleceram antes de muitos outros alemães, por alturas da viragem da década de 60 para a de 70 e que tanto foram veículo de penetração no nosso espaço cultural. Por essa época, muito deram que falar as suas insólitas e contundentes entrevistas a essa revista e a maneira como esta última o elevou (com Godard) ao nível do melhor cinema, ou até do único verdadeiramente inovador. E, por este meio, Jean-Marie Straub tornou-se desde cedo um ponto de divisão, uma fronteira, e um mito. Com o tempo, a polémica parece ter-se esgotado, à força de não se alterar. Straub não

se domou. E, entretanto, com uma das obras mais intransigentemente erguidas e uma marca própria e facilmente distinguível – características que o ciclo integral da Cinemateca, em Novembro de 1998, bem ajudou a lembrar -, as divisões são as mesmas: para uns, os seus filmes podem ser boa música, boas palavras, ou boas intenções, mas “cinema é que não”; para outros constituem uma das raras alternativas válidas ao consumo alienado das imagens e dos sons de todo o cinema comercial, o cinema da saturação de processos, dos clichés, do desperdício, da massificação. Para todos, ficou como o símbolo do mais intransigente rigor e distanciação (palavra equívoca, como veremos, no seu universo), o pólo que muitos tocaram mas onde poucos ou quase nenhuns se quiseram situar.

Porém, de riscos e intransigências, viemo-lo a saber depois, estava esta geração bem fornecida. E, se Straub não se domou, também Syberberg ou Schroeter, por exemplo, não o fizeram. Não foi portanto exactamente por aí que a sua obra mais se distinguiu do seu contexto de origem. Se Straub foi e é único, isso terá mais a ver, pensamos, com a sua extrema segura e com a sua extrema rarefacção de processos, combinadas com a extrema atenção à materialidade das imagens e dos sons (o que não é forçosamente o mesmo que “materialismo”), reabilitando os mais pequenos detalhes da presença, que o cinema “de acção” desperdiça. Ou seja, uma procura do despojamento último, limpando a imagem e o som dos excessos e dos efeitos do cinema *mainstream*, tentando fazer com que apenas fiquem gravadas as pequenas coisas que já não estamos habituados a ler, por termos aprendido a ler demasiado. O que fica na banda imagem e na banda som, não tem assim a força de nos engolir na voragem dum fluxo narrativo, antes nos dá espaço e tempo para o nosso lugar, separado do ecrã. As próprias torrentes de palavras não nos absorvem na tela, na medida em que têm aqui uma função diferente, semelhante à da leitura que deixa oportunidade de a preenchermos com as nossas próprias visões. Straub, procura, enfim, a ruptura total do cinema da transparência, substituindo-o por uma outra e curiosa forma de transparência, porque tenta pôr-nos directamente em contacto com a presença das coisas que a ficção habitual nos faz esquecer. Daí que a sua distanciação se queira “destruição da linguagem”, daí que ele constitua talvez, dentro do cinema de ficção, um dos que mais reflecte uma combinação consciente entre os pólos subjectivo e objectivo, ou entre as funções “transformadora” e “reprodutora” que todos os filmes inevitavelmente comportam.

Nicht Versöhnt é a primeira longa metragem de Straub, prolongando a leitura já antes iniciada (em **Machorka-Muff**) sobre a História da Alemanha e estabelecendo o paralelo entre várias épocas numa forma complexa e difícil, porque lacunar e não cronológica. É a história dum encontro, em que se juntam dois velhos companheiros de escola, Fähmel e Schrella, na actualidade. Ambos tinham participado na luta anti-nazi nos anos 30. Porém, enquanto que o primeiro, mercê das ajudas da família (rica) tinha conseguido regressar do exílio e tinha acabado por servir o Estado, durante a guerra, como especialista de rebentamentos, Schrella mantivera-se sempre no exílio, em França e Inglaterra, e com as mesmas convicções. Do encontro-conflito nascem então as recordações, não só deles como de outros: a geração dos pais, personificada pelo pai de Fähmel, e pela velha senhora que “vive no passado” (Johanna), e a dos filhos, por meio do filho de Fähmel (da sua ligação com a irmã de Schrella).

O objectivo é, como disse o próprio autor, “criar, através da história dum família alemã de 1910 aos nossos dias, uma reflexão puramente cinematográfica, moral, e política, sobre os últimos 50 anos da vida nesse país”. Ostensivamente ignorando o lado mais anedótico e emotivo do nazismo, pretende-se mostrar (e daí a constante e quase aleatória alternância de épocas) como ele estava já interiorizado na sociedade alemã anterior a 33, e como, em certo sentido, continuou depois da guerra. Todos os personagens são, de um modo ou de outro, a personificação dum incapacidade de agir, aquilo que Straub referiu como a “frustração da violência” - que seria justificada (como o título sugere) mas nunca verdadeiramente agarrada. E tudo decorre, na verdade, como se de uma continuidade se tratasse, como se

essa violência dominante e essa "frustração da resposta" estivessem condenadas a uma repetição eterna (tal como os pequenos almoços no fabuloso e significativo troço de diálogo). A incapacidade de resposta, porém, nasce em grande parte do seu próprio desejo, tanto quanto da incompreensão dessa continuidade. Por isso, como Richard Roud muito bem assinalou, a velha Johanna é ainda a que está mais livre de actuar, na medida em que é a única para quem passado e presente se confundem. Não sendo portadora dessa revolta paralisadora contra o passado, Johanna vem a ser a única capaz de um gesto de violência.

Mas **Nicht Versöhnt** é ainda muito mais do que isto pois, como veio a acontecer com todos os filmes de Straub (e na senda duma célebre afirmação de Godard) é um filme "sobre tudo": sobre a História (o tratamento do passado sempre como presente e não como reconstituição); sobre a Moral ("os vossos benefícios são ainda mais assustadores do que os malefícios"); sobre a destruição física e moral (as bombas, as ruínas); sobre o Poder (o campo-contra-campo desnivelado de acordo com as relações de dominação); sobre o Amor; sobre a Morte; sobre o Cinema (e sobre o cinema "militante" que aqui tantas reviravoltas levou); sobre a imagem e o som, enfim (o som directo e o respeito da imagem pela presença *off*, enquanto ainda "existe" nesse som). E, em última análise, também, um filme sobre a utilidade das coisas, um filme que, como dissemos antes, não consome a beleza e a emoção transformando-as em clichés, antes as traz ao de cima de forma supremamente contida, como no belo momento do beijo (rapidamente escondido pelo fundido) ou no plano final, com a música de Bach.

José Manuel Costa